

Vila Laura relembra o passado

Onde antes pastava o gado e havia um imenso laranjal, hoje há ruas asfaltadas, casas de muros altos guardadas por cães policiais e muitos assaltos. Assim é a Vila Laura, próximo ao Matatu, um local que ainda guarda parte do bucolismo do início do século. Segurança, transporte e uma farmácia são as reivindicações dos moradores, particularmente dos mais velhos. Caderno de Cidade, página 2.

Ruas tranquilas, edifícios baixos e casas amplas com jardim e quintal

Antiga fazenda, Vila Laura virou bairro.

Uma antiga fazenda se transformou num bairro classe média. Onde pastava o gato e havia um imenso laranjal, há hoje ruas asfaltadas, casas com muros altos e ferozes cachorros policiais. Assim é a Vila Laura, um bairro surgido há cerca de 30 anos no final do Matatu, onde havia a fazenda com o mesmo nome. Da fazenda, sobrou pouco. Apenas o nome no portão que dá acesso ao palacete de aspecto imponente, cercado de fontes, jardins e pitangueiras, da antida sede da fazenda.

Um clima de início de século é sentido no local. O jardim é antigo mas bem cuidado, não há mato nos canteiros, nem folhas caídas no chão. Entrando pelos portões, apesar das queixas de assaltos que os moradores do bairro fazem anda-se por um caminho cercado de pintangueiras até a casa, que é enorme, com dois pavimentos e janelas com vidraças, no estilo colonial.

Do lado de fora dos muros do casarão, a vida é igual a de qualquer outro bairro residencial. As pessoas se queixam da demora do ônibus, dos constantes assaltos, da falta de uma farmácia mais próxima. Funcionários do Pólo Petroquímico lêem jornal em plena rua enquanto esperam pelo ôni-

bus para ir ao trabalho. Ninguém parece lembrar da velha fazenda que pertenceu a Dona Lalita Costa, a Laura, que deu nome à Vila e ao bairro.

MATO

Somente os moradores mais antigos ainda se lembram da fazenda, e do começo do bairro. José Batista dos Santos, caseiro de uma das primeiras residências da Vila Laura, na rua Raul Leite, a principal do bairro, diz que quando foi morar lá, vindo de Itajuípe, "tudo era barro e mato. Havia um laranjal enorme. A fazenda descia toda a encosta até a Barros Reis e chegava até a antiga Rodoviária, onde hoje é a Cobal".

A rua Raul Leite, onde hoje circulam os ônibus que ligam o bairro ao resto da cidade, era apenas um caminho de barro onde carros de passeio mal conseguiam passar. Hoje, segundo José Batista, "está tudo mudado". O bairro ainda é tranquilo, somente residencial, mas "há os assaltos que ocorrem toda hora e tiram a tranquilidade da gente".

Em ruas como a Raul Leite, Professor Alfredo Rocha, Nossa Senhora da Saúde, todos em cima de colinas situadas atrás da aveni-

da Bonocô e da Rótula do Abacaxi, há casas residenciais e edifícios pequenos. Espigões como os da Graça ou Pituba, inexistem. Algumas casas são bem amplas, com imensa área externa, todas tem jardim, árvores frondosas e cachorros.

O ambiente no bairro é moderno e os escritórios que estão começando a se instalar no local indicam que o ar de "antigamente" ficou dentro dos muros da casa da fazenda. Comércio, não há. Fora uma livraria e uma armazém, há apenas a padaria Pituchinha. Supermercado, feira, farmácia, bancos, somente fora dos limites da Vila, na rua Barros Falcão, no Matatu, o bairro vizinho e do qual a Vila Laura é um prolongamento, ou no centro da cidade.

As pessoas que moram na Vila Laura, mesmo sem conhecer direito a história do bairro, como a estudante Soraia dos Santos, moradora da rua Alfredo Rocha, gostam de lá. "É perto de tudo. Se eu quero comprar algumas coisas, vou no Iguatemi. O colégio fica perto, é fácil ir para a praia. Acho legal". Ela não sabe nada sobre a fazenda. "Vim para cá pequena, já ouvi falar sobre o assunto, mas não sei direito como o bairro começou".